



DOSSIÊ: GEORGE ORWELL

Entrevista: Fido Nesti¹

Como citar este artigo: NESTI, Fido. Entrevista. *Intelligere, Revista de História Intelectual*, nº13, pp. 77-79. 2022. Disponível em <<http://revistas.usp.br/revistaintelligere>>. Acesso em dd/mm/aaaa-

Como foi o seu primeiro contato com George Orwell?

Era 1984 e eu tinha 13 anos, meu irmão estava lendo *1984* como parte do currículo escolar e eu acabei tomando emprestado. O impacto foi enorme, era a minha primeira distopia e os elementos do livro ajudaram a aguçar o que estava se passando ao meu redor, com o país ainda vivendo os últimos anos da ditadura.

Por que se interessou em adaptar *1984* para os quadrinhos?

Além de ser um dos meus textos favoritos, nenhuma adaptação ainda havia sido feita nesse formato. O convite para transformar todo aquele universo em uma nova e inexplorada linguagem foi irrecusável.

Quais referências artísticas que guiaram seu processo nessa adaptação?

Como em todo novo projeto, a etapa de pesquisa foi abrindo um mundo de referências, e pastas e mais pastas foram se acumulando no HD do computador e nas profundezas da memória - da opressiva arquitetura brutalista aos elementos do cinema impressionista, com seus ângulos exagerados e jogos de sombras.

Orwell é, inegavelmente, um fenômeno pop do século XX. Já foi adaptado para o cinema, para a televisão, para o rádio, para o teatro, mais de uma vez para o formato de quadrinhos, foi referência para a música (David Bowie, inclusive, tentou adaptar o *1984* em formato de ópera rock). Como você interpreta o apreço da cultura popular por um

¹ O ilustrador Fido Nesti iniciou a sua carreira na década de 1980. Venceu, na categoria Melhor Adaptação, a edição de 2022 do Prêmio Eisner (considerado o Oscar dos quadrinhos), com o seu trabalho na adaptação da obra *1984* de George Orwell. A obra foi publicada no Brasil em 2019, pela Companhia das Letras.

autor que, curiosamente, foi um crítico contumaz da massificação da cultura no seu tempo de vida?

Parece inevitável que uma obra como *1984* não caísse no gosto popular, ali foram cunhados vários termos que vieram se tornando cada vez mais presentes na vida de todos, em toda parte do planeta. *Teletelas*, *duplipensamento*, *Novafala*, o *Grande Irmão*, o *Ministério da Verdade*, estão todos entre nós e cada um é capaz de traçar seus próprios paralelos com a distopia de Orwell. No fim a criatura acabou escapando das mãos do criador, e aos meus olhos isso foi bom: sou curioso a respeito das várias formas de adaptação e muita coisa boa já foi feita.

A construção de uma HQ tem características parecidas com a construção de um roteiro filmico. Não à toa o filme se baseia em storyboards antes de ganhar forma na atuação em *live action* dos atores. Mas para adaptar uma narrativa literária, a imaginação do cartunista deve acompanhar a imaginação do autor original. Como se intercala essas imaginações?

Busquei imaginar o que se passava na cabeça do Orwell, lá em 1949, quando pensou no livro - escrevia sobre um futuro distópico, influenciado pela geopolítica da época e com a destruição da Segunda Guerra ainda bem presente em sua Inglaterra. Cada trecho transposto para o formato da HQ foi tratada dessa forma, imaginando “como Orwell pensou isso?”, “como visualizou aquilo?”, “o que estava acontecendo à sua volta quando construiu essa história?”.

Orwell já fora transformado em desenho animado décadas atrás quando a CIA comprou os direitos autorais de *Animal Farm* e, a partir da obra de Orwell, criou a animação que serviu como uma de suas propagandas anticomunista por décadas. O que, obviamente, desviou muito da crítica do próprio Orwell para uma interpretação muito específica de sua obra. Seu trabalho, por outro lado, mesmo que também seja uma leitura particular da obra de Orwell, recupera outros elementos os quais o próprio autor fez presente em sua obra, como a sátira, o pessimismo, a solidão, o medo, um certo desalento com o mundo à sua volta. Como foi trabalhar com esses elementos dentro de um universo gráfico de HQ?

Estes são elementos que ajudaram a dar vida à história na hora da adaptação. Transformar em desenhos o que se desenrolava na cabeça do angustiado Winston, com todos os seus dilemas e descobertas, me fez ficar cada vez mais íntimo e criar uma forte identificação com o personagem, pensando no estado em que nosso mundo se encontra agora. Identificação que descubro também em muitos leitores, que me escrevem falando de como se imaginaram na pele do protagonista, ao ler os quadrinhos.

Você trabalha também ilustrando para a imprensa periódica, nacional e internacional, incluindo para a célebre revista estadunidense *The New Yorker*, famosa por sua arte gráfica. Na *The New Yorker*, por exemplo, suas ilustrações dialogam com outras formas artísticas como a música e o grafite, trazendo certa sonoridade e movimento para seus traços. Na Folha de S. Paulo, por outro lado, sua obra tem um caráter de crítica à política cotidiana. Já sua adaptação do 1984 é visceral: ela incorpora, como em outros trabalhos, o movimento dos personagens, mas também seus medos e dores, ou seja, sentimentos subjetivos. Como foi incorporar então essa subjetividade presente na obra de Orwell em seus traços?

Esses sentimentos enriquecem muito a caracterização dos personagens e é o que dá vida à distopia. Vamos entrando aos poucos na cabeça do Winston, descobrindo suas angústias e sofrendo na própria pele suas tantas provações. A ideia, assim como em outros trabalhos nesse formato, é fazer o leitor vestir essa pele do protagonista, vivenciar a história da maneira mais intensa possível.

A sua relação com a obra de Orwell é antiga. Em outras entrevistas você contou que leu o 1984 pela primeira vez aos 13 anos. E mesmo jovem o livro teve um impacto grande na maneira com o qual você passou a enxergar o mundo a sua volta. Além disso, você também morou em Londres, fator que te ajudou a reconstruir mais fielmente o ambiente daquela cidade onde a narrativa do livro acontece. Como foi incorporar essa memória pessoal, carregada de sentimentos, na hora de conceber a adaptação do 1984 em HQ?

A releitura, trinta e cinco anos mais tarde, conseguiu ter um impacto tão forte quanto a primeira. Dessa vez ela trouxe, junto com memórias da juventude, paralelos ainda mais fortes com o que se passava à minha volta. Tanto graças ao avanço da tecnologia, onde comparo nossos celulares - que não existiam no ano de 1984 - com as onipresentes *teletelas*, como o ressurgimento de governos autoritários com tanto apreço às *fake news* e manipulação do passado, que nos faz lembrar de *Ministérios da Verdade* e seus *buracos da memória*.

Não há dúvida de que meus dias em Londres também ajudaram, de alguma maneira, na criação do que eu imaginei ser a *Oceania* e todos os seus personagens - seja na construção dos cenários, escolha da paleta de cores ou caracterização dos ingleses. Memórias afetivas foram desenterradas e a todo o momento eu me via de volta àquelas ruas, vagando como o Winston, arqueado pelo opressivo céu cinzento.